

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : JBCLASS. : YARUBR754DATA : 03 03 90PG. : 5

Índio ianomâmi ganhou prêmio da ONU mas vive completamente isolado

Maureen Rojahn

BRASÍLIA — Um ano após ter recebido da ONU o Prêmio Global 500, conferido anualmente a 500 pessoas que se destacam na defesa do meio ambiente, o índio Davi Copenaua, da nação Ianomâmi, vive hoje isolado da civilização. Há três meses não sai de sua aldeia e nem mesmo se comunica com a Fundação Nacional do Índio (Funai), porque o rádio de transmissão da aldeia está defeituoso. Na prática, o prêmio da ONU não atribuiu a Davi Copenaua qualquer tipo de influência junto às autoridades para resolver a situação em que se encontram seus companheiros Ianomâmi, que tiveram suas terras, em Roraima, invadidas por garimpeiros.

“Logo após a premiação, Davi conseguiu ser recebido pelo presidente Sarney, que garantiu a criação do Parque Ianomâmi, mas não cumpriu a promessa”, recorda o missionário católico Carlos Zacquini, há mais de 22 anos trabalhando com os índios. Segundo o missionário, Davi quase não aceita convites para conferências e pouco sai de sua aldeia, localizada na fronteira do estado do Amazonas com Roraima. “Ele está muito preocupado com a situação e decepcionado com as autoridades que não resolvem os problemas da tribo”, explica Zacquini.

Davi Copenaua, cujo nome na carteira de identidade consta como Davi Xiriana, por erro da Funai, ganhou notoriedade pela luta em defesa do seu povo. A frente da Comissão para a Criação do Parque Ianomâmi, desde 1978, Davi conseguiu superar com facilidade as diferenças de cultura entre as raças. Por falar e escrever a língua portuguesa, foi nomeado pela Funai como chefe de posto. Esse cargo, ele chegou a perder por fazer denúncias contra o órgão, mas o recuperou depois de ter sido agraciado pela ONU.

Apesar da fácil adaptação com os brancos, Davi, que é pagé da sua tribo, não consegue ficar longe de casa. “Em todas as suas viagens, Davi sente saudade de seu povo e da família, mulher e três filhos”, conta o missionário. Segundo ele, Davi poderá voltar à civilização no início de março, caso aceite o convite do Núcleo dos Direitos Indígenas para participar em Brasília da reunião semestral da Ação pela Cidadania, que acontecerá dia 9 de março no Senado Federal.

Zacquini contou ainda que Davi, nos últimos meses, não consegue dormir direito, preocupado com as doenças que estão debilitando os Ianomâmi. Mesmo sem a presença de garimpeiros na aldeia onde vive, já foram detectados 30 casos de malária. A aldeia de Davi, chamada pelos brancos de Demini, segundo o missionário, não foi invadida pelos garimpeiros porque na localidade não existe ouro ou pedras preciosas.